

“Entre entres”

por
Feres Lourenço Khoury
e
Pedro António Janeiro

EENTREES



EENTREES



Cozeto imediato da paisagem
na paisagem que nos embebece.
E a luz que penetra a noite
há a luz do meio-dia.
Em duas noites sem ruído,
em duas noites sem ruído,
onde a luz nasce no parat.
de la fancie



E EN T R E S

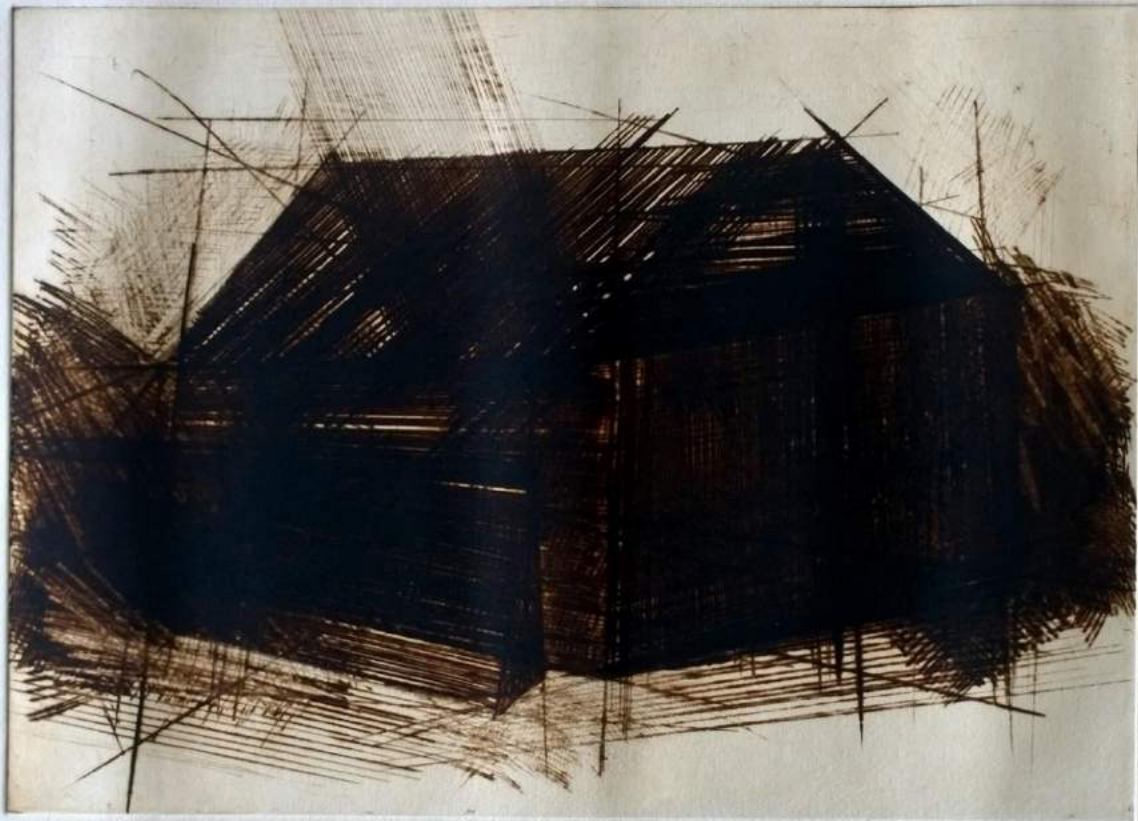


GRAVURAS: FERES L. KHOURY

POEMAS: PEDRO ANTÓNIO JANEIRO

MARÇO DE 2015





112

Handwritten signature or inscription





HOJE A CASA está silenciosa como uma paisagem sem vento.

Morde-me em dias assim numa espécie de despedida a saber a sangue,
a água ferrosa colhida a um poço profundo.

Morde-me incessantemente a própria carne

Não poder como cheirar o nosso cheiro à altura da nuca,

Tão entregues, tão eu-pequenino, todos futuros.

Crivam-me a pele, em feitiços de flores,

Todas as palavras que não soube dizer

E que a esta hora as paredes gritam.

Aqui(,): os nossos lençóis são casulo de crisálida;

os jarros, fontes em Roma num dia de verão entre palácios armoreados;

a sala é feita de areia e a vela que acendemos para jantar é o mar.

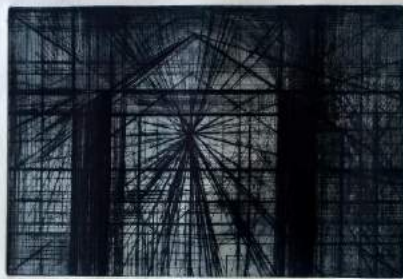
Vôa, vôa: meu, um por um, meu filho.

Porque, aqui (,): há asas, há água, há dunas

e mil oceanos onde os teus olhos podem descansar.

A nossa casa: ainda que hoje vazia,

está todos os dias pronta.



1912

1912



CINZA BRANCO AZUL, nada, encarnado céu,
é-o da rua meu infinito amor sim:
É da rua como eu sou teu, meu filho.
Como as casas o recortam em sua perspectiva própria
Ou como sempre que se escreve se esquece a predestinada voz que fala
Para dizer o preciso.
Como escrever é abrir com lâminas a carne a rua como eu sou teu.



112

Jan. 2015



VEU, A SER LADRÃO dos sonhos dos pássaros,
Desproporções nos desenhos dos outros:
Linhas e horizontes, tão altos;
À medievo, sem cavaleiros nem reis, traços a fazer das casas o inóspito,
Vejo-me a morrer a morte enquanto morte,
E ser tão longe que ninguém saiba,
E a minha mão que hoje faz correcto o cheiro das flores molhadas
A entrecabrir a apontar para o chão.
Sei-me por palavras que invento para a boca suspirada dos outros
Como se não fossem minhas essas salivas
Ou esses dentes na minha própria pele;
Por linhas que saem das pontas dos dedos emaranhadas a fazer ruas como veias
E mapas de países longínquos desconhecidos
E corpos nus de escorço;
Por imagens repetidas e por cores sempre as mesmas
E assim mesmo o dia ser todos os dias novo a reencontrar-se comigo
Na intuição tão breve e tão instantaneamente infinita e presente
Naquilo a que chamo mundo ou agora.



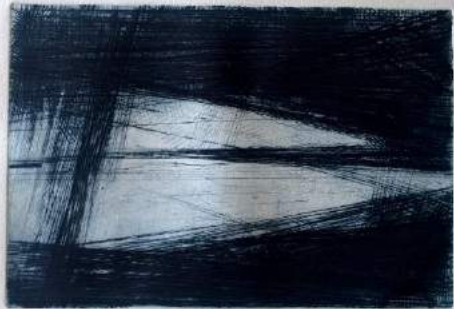


1970



VIGILÂNCIA

ESPERO OS PASSARINHOS de voo fio de estendal
Entre as casas das ruas de chão direito
De corredores de céu recorriado a tesoura de pontas.
Como se ao escrever, as linhas que a língua desenrola.
Logo a seguir se mesclassem em cortes de pintura da tua imaginação.
Nos teus sonhos ou da tua história;
Como subilmente à noite se acentua um há um segredo,
Um restolhar semi-salgado de ondas.
Um à traição um golpe no flanco do escuro.
De fio de arame entre fachadas em ruas estreitas, coxas, em soluço.
Aguardo claudicantes asas piscadas em desenho pleno, intermitentes.
A fazer vírgulas ao ar, andorinhas do Saara.
Com o coração como uma romã que as mãos apertam,
Páro a ver se as vejo fio prontas;
Com os cotovelos em vé donde pingam na vertical absoluta
O meu vosso sangue futuro.
Sabes, ou deixa:
Amanhã o dia, triste ou feliz ou escuro, amarecerá claro.



12

Grandes e Pequenos



POR PALAVRAS em frases minhas só,
Como se enconcham paredes em casa nas casas dos outros,
Respiro assim:
Lateral à margem entre sim e suplicio;
Página, por erro, em branco;
Infinito, eterno, ponto: plano;
Por cima do visível.
Do concreto imediato da própria essência das palavras que não encontro aqui.
Entre o azul em ectasia e a trajetória dos anjos maus, há a noite do medo.
Em que tu morres sem porque,
Em que as flores já não abrem,
Onde a luz nasce do poente.
Melhor então por palavras que inventam casas que, por ser do mundo, ser assim:
Entre entres.





EDIÇÕES JOÃO PEREIRA

E N T R E E S

Este álbum contém cinco gravuras em metal, realizadas com a técnica de ponta-seca, berceau e brunidor, de autoria de Feres Lourenço Khoury.

Os poemas são de autoria de Pedro António Janeiro; foram compostos com tipos Joanna, Calluna, Berkeley, Nofret e Clinic Slab, diagramados por Marcelo Barros e impressos digitalmente.

Foram editados quinze álbuns, sendo doze exemplares numerados de 1 a 12 e três provas de artista. Os álbuns foram encadernados por Rosely Nakagawa.

As gravuras foram assinadas e numeradas pelo artista, impressas em papel Hahnemühle (300g/m² - 100% algodão), pelo impressor Reginaldo Flores.

São Paulo, março de 2015.



Exemplar nº 11/12

*for the first time of Khoury
la gravura de Pedro, enfim numo a'lbun
composto meu trabalho com zede*

HANNEMUEHLE